

## A metodologia na prática de pesquisa em Comunicação: análise de teses e dissertações da região sul<sup>1</sup>

Laura WOTTRICH<sup>2</sup>

Dulce MAZER<sup>3</sup>

Maria Clara Sidou MONTEIRO<sup>4</sup>

Pamela Saunders CRAVEIRO<sup>5</sup>

Paula VIEGAS<sup>6</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### Resumo

O texto apresenta resultados parciais de estudo<sup>7</sup> sobre desenvolvimento metodológico do campo da Comunicação. Parte-se da perspectiva de que a Comunicação possui espaços legitimados de produção de conhecimento, cujos trabalhos, ao serem discutidos através da pesquisa metodológica, se tornam um aporte fundamental para a formação na área. O corpus deste artigo refere-se aos PPGS da região sul do país, filiados à Compós, e mais bem avaliados pela Capes (quadriênio 2013-2016), num total de 787 trabalhos. Os resultados apontam para o desenvolvimento do campo com certa consolidação epistemológica no que tange às problematizações. No âmbito teórico, verifica-se uma pluralidade de subáreas e conceitos mobilizados, além de predomínio de estudos de jornalismo. Na dimensão metódica e técnica, destacam-se as combinações de diferentes procedimentos, entrelaçados às problemáticas investigadas.

**Palavras-chave:** metodologia da pesquisa; pesquisa metodológica, campo da comunicação; pós-graduação.

### Introdução

O aprendizado da metodologia é um processo múltiplo, construído a partir da posição dos sujeitos no mundo, da sua relação com o trabalho científico e de condições mais amplas (contextuais, institucionais) em que estão inseridos. Entre os pesquisadores que se iniciam na prática científica, no âmbito da graduação, não é incomum ver aplicada a chamada “Lei do Instrumento” (BAUER, GASKELL, 2013), segundo a qual um jovem aprendiz que só conhece o martelo pensa que tudo deve ser tratado a marteladas.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: laura.wottrich@ufrgs.br

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mazerdulce@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mclarasm@gmail.com

<sup>5</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: pamelacraveiro@ufmt.br

<sup>6</sup> Doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: paularviegas@gmail.com

<sup>7</sup> Texto resultante do projeto de pesquisa “A análise metodológica no aprendizado e consolidação da prática de pesquisa no campo da comunicação” financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Edital MCTIC/CNPq no. 28/2018).

---

É assim que as escolhas metodológicas algumas vezes operam, de forma mecanizada ou irrefletida. Frente à necessidade de desenvolver suas pesquisas e encontrar um objeto do mundo para travestir de cientificidade, os estudantes, por vezes, elegem técnicas que podem estar desvinculadas do substrato teórico e epistemológico que matiza os objetivos da investigação. Ou, ainda, escolhem instrumentos à revelia do que seus objetos de pesquisa demandam para serem investigados, em uma visão que limita as técnicas de pesquisa a prescrições e a operações formais. Em que pese a processualidade metodológica seja constitutiva da produção do conhecimento científico, muitas vezes nos relatos de pesquisa na Comunicação, a metodologia é reduzida a um caráter instrumental (BARTH, 2018).

Neste artigo, a intenção é contribuir para o debate em torno da dimensão metodológica no campo da comunicação, apresentando resultados parciais de projeto sobre o desenvolvimento da pesquisa metodológica (BONIN, 2011) no campo da comunicação, realizado através do mapeamento das investigações realizadas em pós-graduações na área. A pesquisa metodológica é uma ação coordenada de reflexão sobre a prática metodológica a partir do estudo de pesquisas congêneres, com vistas a configurar estratégias próprias de investigação. Parte-se, pois, da perspectiva que o campo possui espaços legitimados de produção de conhecimento, cujos trabalhos são estruturados em instâncias e processos, os quais, ao serem conhecidos, sistematizados e discutidos através da pesquisa metodológica, se tornam um aporte fundamental para a formação na área.

O mapeamento de teses e dissertações se justifica dado que um dos marcos da estruturação da atividade científica na comunicação sob a lógica de campo (BOURDIEU, 1997) é a institucionalização dos PPGs, cujo desenvolvimento tornou-se fundamental para legitimação do conhecimento comunicacional. A existência desses espaços de formação indica o investimento institucional na pesquisa acadêmica, uma esfera de legitimação reconhecida e partilhada socialmente que evidencia as qualificações científicas prestigiadas e quais questões são relevantes para a área. Configura-se, desse modo, uma instância privilegiada para a pesquisa metodológica.

Do surgimento dos primeiros PPGs na área até hoje, o campo da comunicação desenvolveu-se e espalhou-se em solo brasileiro<sup>8</sup>, em um processo de amadurecimento motivado por inúmeras discussões e disputas internas sobre as especificidades do objeto comunicacional, sobre os limites disciplinares<sup>9</sup> da área e sobre o que, de fato, é possível nomear como “Pesquisa

---

<sup>8</sup> É notória a expansão dos PPGs em comunicação no país. Em 1996, eram apenas 10. Em 2016, somaram 50 Programas (CAPES, 2017).

<sup>9</sup> É oportuno o resgate de França (2016) quando comenta sobre as discussões empreendidas no início do século XXI sobre os limites e especificidades do objeto comunicacional, no afã de legitimação da área.

em Comunicação”<sup>10</sup>. De forma sucinta, a configuração do campo da comunicação em sua lógica científica é balizada por uma perspectiva teórico-metodológica de organização de suas práticas, as quais matizam o conhecimento que é produzido (LOPES, 2004). Para conseguir abordar empiricamente o campo da Comunicação, o mapeamento tem como recorte 12 PPGs da área de Comunicação<sup>11</sup>, filiados à Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), que obtiveram notas 5, 6 e 7 na avaliação quadrienal de 2013 a 2016, empreendida pela CAPES. Foram identificados e tabulados os trabalhos defendidos entre 2013 e 2018. O *corpus* reuniu 1984 trabalhos produzidos. Com a consolidação da listagem desses trabalhos, construímos uma ficha de análise para compreensão da dimensão metodológica, considerando-a como práxis investigativa (BONIN, 2011, LOPES, 1990). A ficha foi preenchida a partir da leitura do resumo e da análise dos trabalhos completos. Neste artigo, exploramos os resultados específicos dos 787<sup>12</sup> defendidos na região sul do país<sup>13</sup>. Antes disso, cabe apresentar nosso entendimento sobre a perspectiva metodológica e as instâncias que orientaram a coleta e discussão dos dados.

### **A processualidade metodológica na pesquisa em Comunicação**

Ao refletir sobre como a metodologia se insere nas dinâmicas deste campo, não são poucos os deslizos identificados. Barbosa (2016) sintetiza a questão ao apontar genericamente dois caminhos usados no trato da metodologia: a partir de sua operacionalidade técnica, ou seja, como um conjunto de ferramentas para organização de uma pesquisa, ou a partir de seu potencial hermenêutico, considerando o método como uma atitude teórica diante do objeto de investigação.

Seguindo essa segunda perspectiva, a metodologia é aqui entendida como uma postura frente aos objetos de conhecimento que atravessa a constituição de uma pesquisa em todos os seus níveis, “como uma instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que dão feição ao objeto do conhecimento, que se inscrevem em lógicas atuantes na captura e fabricação pensada deste objeto” (BONIN, 2011, p.2). Disso decorre que o trato

---

<sup>10</sup> Há registro de pelo menos 30 anos de discussões vigorosas sobre o tema, como a realização do I Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação, ocorrido durante o X Congresso da Intercom em 1987 (MOURA, 2016). Alguns anos antes, em 1983, o *Journal Of Communication* alertava sobre a “crise de paradigmas” enfrentada pela área da comunicação, marcada pela dispersão e fragmentação (NAVARRO, 2003).

<sup>11</sup> São eles Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM), Comunicação Social (PUCRS), Comunicação (UERJ), Comunicação e Cultura (UFBA), Comunicação (UFF), Comunicação (UFPE), Comunicação e Informação (UFRGS), Comunicação (UFRJ), Comunicação (UFSM), Ciências da Comunicação (Unisinos), Comunicação e Linguagens (Universidade Tuiuti do Paraná), Comunicação Social (UFMG).

<sup>12</sup> O total dos trabalhos dessa região foi 838, no entanto, alguns não estavam disponíveis para consulta ou não foram localizados, de modo que a consolidação de dados restringiu-se aos 787.

<sup>13</sup> São eles PPG em Comunicação Social (PUCRS), Comunicação e Informação (UFRGS), Comunicação (UFSM), Ciências da Comunicação (Unisinos) e Comunicação e Linguagens (Universidade Tuiuti do Paraná).

metodológico não pode ser reduzido “a uma sequência de operações, de procedimentos necessários e imutáveis, de normas rigidamente codificadas, que converte a metodologia numa tecnologia, num receituário de ‘como fazer’ pesquisa, com base numa visão ‘burocrática’ de projeto” (LOPES, 2016, p.101-2). Contudo, se não é possível de ser decantada em receituários e prescrições técnicas, a metodologia possui uma dimensão modelar necessária à organização de um projeto de investigação. Ou seja, possui uma função organizativa que legitima o conhecimento em seu estatuto científico.

Nesse sentido, a pesquisa metodológica que desenvolvemos aqui pode ajudar a desbravar estes acionamentos, dado que se debruça sobre pesquisas concretas em processos de reflexão, estudo e apropriação de propostas metodológicas “para delas extrair elementos que possibilitem arquitetar arranjos metodológicos que respondam aos requerimentos das problemáticas com as quais estamos trabalhando” (BONIN, 2011, p.38). Para empreendê-la, partimos de quatro principais instâncias da pesquisa empírica sistematizadas por Lopes (1990): epistemológica, teórica, metódica e técnica.

A instância epistemológica é considerada uma perspectiva sobre os modos como o conhecimento é organizado e produzido<sup>14</sup>. As práticas científicas, como um sistema articulado e institucionalizado, são historicamente determinadas (BACHELARD, 2000). A compreensão da ciência a partir de seu contexto histórico gera inúmeras e profundas implicações à visão e à prática da pesquisa, em especial, acarreta a negação de uma categoria universal ou homogênea de verdade científica. Fazer ciência, nesse sentido, situado em determinado contexto social e histórico, é romper com o conhecimento usual, com o senso comum. Os princípios de cientificidade de determinada área operam internamente à prática científica (LOPES, 1990). Assim, o trabalho de pesquisa é uma prática que ultrapassa o saber cotidiano através de operações metodológicas específicas que constroem os objetos do conhecimento (BACHELARD, 2000). A instância epistemológica representa uma postura de vigilância permanente em relação a todas as etapas da pesquisa, é a crítica a partir desse “olhar epistemológico” que organiza os critérios de validação interna da ciência (LOPES, 2004). Através dessa postura, pode-se desnudar as diversas vinculações com paradigmas, teorias, quadros de referência e modelos explicativos presentes na abordagem de um ou de outro objeto do conhecimento.

Na prática de pesquisa, essa instância materializa-se na eleição de um objeto de conhecimento do mundo como um objeto científico, em um processo de ruptura epistemológica

---

<sup>14</sup> Não há consenso entre as diversas escolas e vertentes epistemológicas, ou até mesmo sobre o lugar da epistemologia na discussão científica. Para maior aprofundamento sobre a discussão epistemológica no âmbito das Ciências Sociais, ver Japiassu (1979).

---

(BACHELARD, 1996; LOPES, 1990). Na nossa análise, interessa, mais amplamente, identificar uma postura de vigilância epistemológica no trabalho, explicitada sobretudo no âmbito da construção da problemática de pesquisa.

A instância teórica, por sua vez, é a que efetivamente cumpre o papel de ruptura com o conhecimento do senso comum, “através de um corpo sistemático de enunciados e de sua formulação conceitual visando captar e explicar os fatos” (LOPES, 1990, p.107). Trata-se, numa definição ampla, do quadro teórico de referência forjado na e para a investigação. É, assim como na instância epistemológica, uma tomada de posição relacionada ao objeto, aos objetivos e à problematização da pesquisa. Braga (2016) aponta quatro possibilidades de acionamento no processo de pesquisa: o primeiro é a teoria como uma visão de base, como fundamento. O segundo é a teoria como um conhecimento estabelecido. Trata-se de cotejar determinada teoria a partir de sua potencialidade explicativa em relação ao objeto, ao contexto, à proposta da investigação. Há ainda a teoria como ação e a teoria produzida pela própria pesquisa. Nem todos são visíveis em uma investigação, e nem todas as investigações precisam enunciá-los claramente, a depender da problemática e das opções do pesquisador no percurso. Na análise, abordamos especificamente o segundo acionamento teórico, relativo ao quadro teórico de referência, investigado a partir das subáreas de pesquisa e dos principais conceitos acionados por elas.

Situada entre um âmbito teórico e outro operativo, a instância metódica dá conta da objetivação dos quadros de análise “através dos quais são ordenados e articulados os conceitos, elementos e variáveis, numa espécie de arquitetura do discurso” (LOPES, 1990, p.110). Na análise, a identificação sobre essa instância se dá pela abordagem qualitativa ou quantitativa enunciada, assim como pela identificação, na estrutura dos trabalhos, de como a processualidade metodológica é apresentada.

Por fim, tem-se a instância técnica, o espaço das “teorias em ato” (BACHELARD, 2000), onde a perspectiva metodológica se materializa em operações e procedimentos específicos. É o espaço em que as informações são coletadas e transformadas em dados que servem à explicação da problemática. Não é pretensão circunscrever um arrazoado conceitual sobre a diversidade de técnicas ao dispor dos pesquisadores no enfrentamento de seus objetos, uma “floresta de métodos”, como define Santaella (2001), múltipla em termos de vinculação metódica, teórica e epistemológica. Deseja-se identificar quais os procedimentos adotados pelos pesquisadores (e se são ou não explicitados). Sabe-se que nenhuma escolha relativa às técnicas é neutra, asséptica ou desvinculada de determinada perspectiva teórico-metodológica, por isso, buscamos relacionar essa instância às supracitadas. O que o leitor encontra a partir do próximo é a análise com base nessas dimensões aqui apresentadas, realizada a partir da pesquisa metodológica junto ao *corpus*.

## Dimensão epistemológica

Discutimos a dimensão epistemológica a partir da configuração da problemática das pesquisas e, apesar da perspectiva adotada aqui não ser aquela que valoriza normatizações protocolares, em oposição a um processo inventivo, a delimitação de problema e de objetivos são passos elementares na concepção de um caminho investigativo, uma vez que colaboram para construir o trabalho a partir de uma lógica científica de abordagem do mundo.

Em 11 trabalhos (1%), não foram identificados nem problemas, nem objetivos. E somente 477 trabalhos (61%) apresentam claramente os três elementos - problema, objetivo geral e objetivos específicos (182 teses e 295 dissertações). Embora não haja consensos sobre as relações entre problema e objetivos (WOTTRICH *et al*, 2019), podemos inferir que os objetivos derivam da formulação de um problema de pesquisa. Do vínculo entre eles, cabe ao pesquisador elaborar uma problematização que seja capaz de construir objetos propriamente comunicacionais e fomentar a produção de conhecimento do campo, avançando na instância epistemológica. “Desentranhar o comunicacional não equivale a definir um *território* à parte, nem temas, objetos ou métodos que nos sejam exclusivos, mas sim desenvolver perguntas e hipóteses para além das que já são feitas pelas demais CHS<sup>15</sup>” (BRAGA, 2011a, p. 72, grifo do autor). Portanto, problema e objetivos advêm da matriz investigativa e ao campo aos quais o pesquisador está vinculado, fluindo em todos os aspectos constitutivos da problemática - como a instância teórica, metódica e técnica - e sobre o que o pesquisador propõe como reflexão ou resposta a ela. Daí emana a produção de conhecimento.

O problema de pesquisa está presente em 78% dos trabalhos. Por ser a mais importante fase para a construção epistemológica, surpreende que em 171 estudos (22%), não seja identificado. Quando apresentada, alguns autores sistematizam a problematização no decorrer de todo o texto. Outros na forma de pergunta e outros ainda delimitam uma problematização, uma pergunta ou um problema, geralmente em espaços exclusivos, como a introdução ou a seção metodológica. E há quem o demonstre de todas essas formas. Embora a variedade de entradas seja interessante, muitos textos carecem da enunciação ou da sinopse do problema, daí a dificuldade em identificá-lo e estabelecer correlações entre ele, os objetivos, objetos empíricos e científicos. Ainda que seja uma proposição específica a ser resolvida pelo pesquisador, a construção de uma questão-problema se estabelece com um recorte empírico mais aprofundado, sem se limitar a uma interrogação. A sistematização na forma de uma pergunta, no entanto, pode ser uma síntese interessante e amparar a compreensão da problemática.

---

<sup>15</sup> Ciências Humanas e Sociais.



Já os objetivos gerais, apresentados em 97% dos trabalhos, preservaram características para a elaboração epistemológica, por atenderem à problematização, a uma matriz teórica e apontarem caminhos para o desenvolvimento dos objetos de conhecimento no campo da comunicação, o que pode ser observado em articulação com a próxima seção do artigo. Em síntese, os objetivos gerais podem ser traduzidos como “ações que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa, sendo norteados pelo problema” (WOTTRICH *et al*, 2019). Embora em apenas 3% o objetivo geral não tenha sido identificado, vale dizer que, durante a coleta, buscou-se no texto proposições, interesses e desejos, na forma de verbos e outros indícios da intenção do autor, sendo essa considerada, afinal, como objetivo geral do trabalho, ainda que não formalmente explicitada<sup>16</sup>.

A ausência das intenções do pesquisador demonstra fragilidade na formulação e no desenvolvimento da investigação. Em relação aos objetivos específicos, apenas 71% dos trabalhos os mencionam. Desse modo, observa-se que os objetivos específicos são tratados como uma “forma mais operacional” (WOTTRICH *et al*, 2019), voltada à execução do objetivo geral e, portanto, são menos mencionados do que o objetivo geral ou problema<sup>17</sup>.

Em alguns trabalhos os objetivos gerais foram delineados exclusivamente como etapas de investigação, o que pode ser observado pelo uso de verbos de sistematização, como “mapear”, “identificar”, “desenvolver (um modelo)”, “observar”, “descrever”. Eles indicam um tratamento essencialmente processual e menos teórico da pesquisa, o que seria mais próximo dos objetivos específicos. Ao transformar objetivos em fases, o autor por vezes desconsidera que o problema pode ser compreendido de modo mais geral, em sua plenitude e investe em soluções mais pontuais, especificidades para atender a um objetivo mais geral, o que não necessariamente responde à problemática, tal qual seria sua função (SANTAELLA, 2001; BARROS; JUNQUEIRA, 2006; PAVIANI, 2009). A dimensão dos verbos empregados no objetivo geral deve contribuir mais diretamente para a instância epistemológica, na exploração do objeto empírico (para a solução de problemas empíricos) e científico (proposição teórica e evolução do objeto) para a produção de conhecimento. Elencamos os cinco verbos mais empregados<sup>18</sup> no *corpus* para explicitar os objetivos gerais: compreender (206); analisar (165); investigar (107); identificar (60) e entender (42). Observa-se que, com exceção do verbo “identificar”, que seria de

<sup>16</sup> São verbos como: “buscar”, “propor” e outros que revelaram interesses genéricos ao longo do texto ou ainda ocultos até as considerações finais do trabalho. Se indicados apenas os trabalhos que delimitaram os objetivos gerais literalmente, o número de teses e dissertações que não apresentaram objetivos seria maior.

<sup>17</sup> Para compreender melhor quais são as lacunas presentes nos trabalhos na formulação do problema, objetivo geral e objetivos específicos, sugerimos ao leitor consultar a tabela presente neste link <https://drive.google.com/file/d/1gd7eaabJTrbhom3dcdWyKwUVD7uQXwdS/view?usp=sharing>, que sistematiza as lacunas e as organiza a partir dos PPGs de onde os trabalhos são provenientes.

<sup>18</sup> Busca pelos verbos, no infinitivo, mais frequentes nos objetivos, realizada na plataforma Voyant Tools.

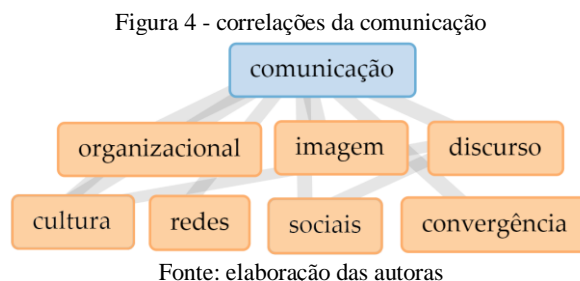








como *agenda setting* e *newsmaking*. Em relação às teorias da Comunicação em destaque nas pesquisas, é importante ressaltar que, dentro desse resultado, encontramos alguns entrelaçamentos com outros conceitos:



Dentre essas correlações, destacamos cultura e organizacional que são termos expressivos na fundamentação teórica das pesquisas, respectivamente com 50 e 41 trabalhos. Outras instâncias teóricas são também articuladas com o conceito de comunicação, como as teorias do discurso, da imagem (principalmente voltadas para os objetos de pesquisa cinematográficos) e as redes sociais, no âmbito da convergência. Esses dados sugerem uma intencionalidade dos pesquisadores em circunscrever a problemática a uma perspectiva científica da comunicação, acionando-a como matriz teórica na compreensão de diferentes objetos.

A análise da instância teórica no corpus confirma a proposição de Braga (2011b) de que a teoria precisa estar relacionada com a realidade empírica e as delimitações metodológicas. Logo, “trata-se de problematizar o objeto em estudo a partir dos fundamentos adotados” (BRAGA, 2011b, p. 18), ou seja, ressaltamos a relevância desse processo de fundamentação teórica que precisa estar bem articulado a fim de evitar que a teoria apenas ilustre o objeto ou vice-versa.

### Dimensão metódica e técnica

A maior parte dos trabalhos apresenta uma seção dedicada à explicitação metodológica da pesquisa (78%), um percentual menor (14%) o faz de forma precária, ou seja, apresenta reflexões sobre essa instância, mas não de forma sistematizada. Há ainda os trabalhos que não evidenciam quaisquer delineamentos metodológicos (8%).

Em relação à abordagem, praticamente metade dos trabalhos (48%) não enuncia se adota uma perspectiva quanti ou qualitativa. Entre os que enunciam, 39% possuem abordagem qualitativa, 2% quantitativa e 11% adota métodos mistos. Isso nos levaria a pensar que são poucos os trabalhos com ênfase qualitativa, mas a exploração do *corpus* indica que parte significativa entre os que não declaram sua posição possuem pendor qualitativo em sua armação teórico-metodológica. É como se certa naturalidade pairasse sob nosso campo: se a Comunicação possui uma maior aderência epistemológica e histórica a uma configuração qualitativa, ora, não seria



procedimental, mais visibilizado. Assim, certo pendor para a consideração da metodologia em sua face mais operativa, identificada nas teorizações, se mantém quando analisamos como a metodologia é de fato trabalhada nas pesquisas. Embora haja uma farta mobilização de procedimentos e a maior parte dos trabalhos reserve um espaço à apresentação da metodologia, há ainda pouco aprofundamento da instância metódica em seu potencial hermenêutico. É uma lacuna já identificada na teoria (PERUZZO, 2018) que precisa ser problematizada para o amadurecimento do conhecimento desenvolvido no campo.

### **Considerações finais**

O texto concentrou esforços em apresentar um panorama sobre a constituição metodológica nas pesquisas em Comunicação na região sul, considerada a partir das instâncias constitutivas das investigações. Em que pese seja um recorte não representativo do país, os resultados contribuem empiricamente à exploração de um cenário tão plural quanto divergente sobre o fazer metodológico no campo da comunicação.

O caráter fluido da pesquisa em comunicação se ressalta neste recorte, uma questão que certamente não é nova, mas cujos matizes necessitam ser explorados para o amadurecimento do conhecimento produzido. A partir do *corpus* analisado, há um movimento de explicitação de balizas fundantes como o problema de pesquisa, em que pese seja feito, algumas vezes, de forma dispersa. Os objetivos ganham mais destaque como condutores da investigação do que a problemática, o que sugere uma entrada mais operativa do que reflexiva e articulada ao cenário empírico e enquadramento teórico mobilizados. Ou seja, é possível avançar no delineamento de cada uma dessas instâncias e no entrelaçamento entre elas. Consideramos esse movimento não como uma camisa de força em um viés “manualesco” da metodologia, mas sim como o necessário amadurecimento de dimensões fundantes da constituição do próprio objeto de cada pesquisa e, por conseguinte, do campo da comunicação. A problematização vigorosa tende a constituir uma abordagem metodológica forte, confluindo para o desenvolvimento dos estudos (PERUZZO, 2018).

Por outra via, no âmbito teórico, a diversidade é a tônica, identificada tanto nas subáreas quanto nos conceitos mobilizados. Caberia retomar a reflexão de Sodré (2012) e ponderar que a diversidade temática talvez seja um  ndice da riqueza do conhecimento comunicacional. O n  reside na possível ausência de conexões entre as linhas de pesquisa que descamba em uma incoerência científica e pode induzir a certa dispersão cognitiva. Em rela o às articula es teóricas, confirmamos as impressões trazidas por Peruzzo (2018) sobre o predomínio dos estudos de jornalismo.



Num âmbito metódico e técnico, chama atenção a tenacidade nas mesclas e combinações de diferentes procedimentos, entrelaçados às problemáticas investigadas. Com maior ou menor intencionalidade, existe uma mobilização de estratégias que, quando realizada reflexivamente em relação ao objeto de pesquisa e à problemática da investigação, é aliada na labuta científica. Algo ainda por fazer é investigar quais autores são mais mobilizados em cada procedimento, de modo a averiguar se há reiterações de certos cânones ou se há pluralidade de referências (ou, até mesmo, se as teorias metodológicas acionadoras dos procedimentos são de fato enunciadas).

De todo modo, os achados aqui apresentados podem contribuir para o debate em torno da *práxis* metodológica e seu atravessamento na tessitura da pesquisa e para consolidação da metodologia como um todo estruturado, permeado por instâncias e fases específicas, mas aberto à intervenção contínua do pesquisador, a partir das decisões tomadas no decorrer da investigação. A metodologia não se concretiza no abstrato, mas a partir de sua implementação efetiva nas investigações. Por isso, é importante identificar como essa dimensão tem sido encarnada nas pesquisas realizadas pelo campo da comunicação. Por outra via, a discussão será tão mais proveitosa quanto mais estimular a reflexividade frente às escolhas realizadas pelo/a pesquisador/a em suas jornadas investigativas, da definição da problemática à eleição dos procedimentos.

## Referências

- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BARBOSA, M. C. A pluralidade dos modelos interpretativos nas ciências humanas e o lugar da comunicação. In: MOURA, C. P. de; LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2016.
- BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2a ed. São Paulo: Atlas, 2006. p.32-50.
- BARTH, Daiani Ludmila. Por uma compreensão conceitual de metodologia: textos científicos em encontros referenciais na Comunicação. 2018. 200 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. São Paulo: Editora Vozes, 2013.
- BONIN, J. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, E.; et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRAGA, J. L. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Revista Contracampo**, n. 10/11, p. 219-236, 2004.
- \_\_\_\_\_. Constituição do campo da comunicação. **Verso e reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011a.
- \_\_\_\_\_. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011b.



- \_\_\_\_\_. Aprender metodologia ensinando pesquisa: incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica. In: MOURA, C. P. de; LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2016.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO SUPERIOR. CAPES. **Relatório da Avaliação Quadrienal 2017** – Comunicação e Informação. Brasília, 2017.
- FRANÇA, V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, C. P. de; LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2016.
- JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. São Paulo: Livraria F. Alves Editora, 1979.
- LAURINDO, Rosemeri; MAFRA, Ticiane. Cienciometria da revista Comunicação & Sociedade identifica interfaces da área. **Comunicação & Sociedade**, v. 31, n. 53, p. 233-260, 2010.
- LOPES, M. I. V.. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 27, n. 1, 2004.
- \_\_\_\_\_. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, J. L. (Org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 27-49
- \_\_\_\_\_. Proposta de um modelo epistemológico para o ensino da pesquisa em comunicação. In: MOURA, C. P. de; LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2016.
- MARTINO, Luiz C. Muitas & Poucas: a dupla personalidade das Teorias da Comunicação. In: MARTINO, Luiz C.; BERGER, Charles R.; CRAIG, Robert T. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MOURA, C. P. de. 2016. Metodologia da pesquisa em comunicação: estudo bibliográfico em disciplinas da pós-graduação. In: MOURA, C. P. de; LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2016.
- NAVARRO, R. F. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: Hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 33, p. 25-40, jun. 2018.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.
- SIGNATES, Luiz. A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. **E-Compós**, 21, n. 2, 2018.
- SODRÉ, Muniz. Comunicação: Um caos criativo. **Logos**, v. 19, n. 2, 2012.
- WOTTRICH, Laura et al. A definição do problema e dos objetivos de pesquisa: reflexões sobre o fazer metodológico na Comunicação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019, Belém. **Anais[...]** São Paulo: Intercom, 2019.